

 <p>ESCOLA DE CIÊNCIAS DA SAÚDE E DA VIDA</p>	<p>PSICO</p> <p>Psico, Porto Alegre, v. 52, n. 4, p. 1-16, jul.-set. 2021 e-ISSN: 1980-8623 ISSN-L: 0103-5371</p>
<p> http://dx.doi.org/10.15448/1980-8623.2021.4.36291</p>	

SEÇÃO: ARTIGOS

Todo religioso é preconceituoso? Uma análise da influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais

Are all religious people prejudiced? Analysis of the influence of religiosity on the prejudice against gays

¿Es todo religioso prejuicioso? Análisis de la influencia de la religiosidad en el prejuicio hacia homosexuales

Ágatha Aila Amábili de Meneses Gomes¹

orcid.org/0000-0002-7143-9876
agatha.aila@hotmail.com

Luana Elayne Cunha de Souza¹

orcid.org/0000-0001-9425-9598
luana_elayne@hotmail.com

Recebido em: 06 nov. 2019.

Aprovado em: 04 jun. 2020.

Publicado em: 19 jan. 2022.

Resumo: O presente trabalho teve como objetivo analisar a influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais em pessoas de diferentes afiliações religiosas. A pesquisa foi feita com 234 pessoas da cidade de Fortaleza, Ceará, com idade média de 34,3 anos ($DP = 11,86$; 97 homens e 136 mulheres). Desse total, havia pessoas afiliadas às religiões católica, protestante, protestante inclusiva, espírita e de matriz africana. Os participantes responderam a um questionário que buscou avaliar o preconceito contra homossexuais e a religiosidade, por meio de diferentes variáveis. Verificou-se preconceito flagrante nos católicos e protestantes, preconceito sutil nos espíritas e não foram identificadas atitudes preconceituosas nem nos protestantes inclusivos nem nos de matriz africana. Ademais, identificou-se que as crenças e as práticas protestantes predisseram o preconceito contra homossexuais. As discussões dos achados colaboram para o panorama científico, mas, vão além, propondo uma análise multidimensional da religiosidade, incluindo religiões pouco contempladas nos estudos sobre a temática.

Palavras-chave: religiosidade, homossexualidade, preconceito, homofobia, religião

Abstract: The present work aimed to analyze the influence of religiosity on prejudice against homosexuals in people of different religious affiliations. The survey was conducted with 234 people from the city of Fortaleza, Ceará, with an average age of 34.3 years ($SD = 11.86$; 97 men and 136 women). Of this total, there were people affiliated with the Catholic, Protestant, Inclusive Protestant, Spiritist and religions from Africa. Participants answered a questionnaire that sought to assess prejudice against homosexuals and religiosity through different variables. It was verified blatant prejudice in Catholics and Protestants, subtle prejudice in Spiritists, and no prejudices were identified neither in inclusive Protestants nor in those of religions from Africa. Moreover, it was found that Protestant beliefs and practices predicted prejudice against homosexuals. The discussions of the findings contribute to the scientific panorama, but, beyond, proposing a multidimensional analysis of religiosity, including religions little contemplated in the studies on the subject.

Keywords: religiosity, homosexuality, prejudice, homophobia, religion

Resumen: Este trabajo tuvo como objetivo analizar la influencia de la religiosidad en el prejuicio hacia homosexuales en personas de distintas afiliaciones religiosas. La investigación fue realizada con 234 personas de la ciudad de Fortaleza, Ceará, con edad promedio de 34,3 años ($DP = 11,86$; 97 hombres e 136 mujeres). De este total había personas afiliadas a la religión católica, protestante, protestante inclusiva, espírita y a religiones de origen africana. Los participantes responderán a un cuestionario que evaluó el prejuicio hacia homosexuales y la



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Universidade de Fortaleza (UNIFOR), Fortaleza, CE, Brasil.

religiosidad por medio de distintas variables. Se verificó el prejuicio flagrante en los católicos y protestantes, el prejuicio sutil en los espíritas y no se identificaron actitudes prejuiciosas ni en los protestantes inclusivos ni en los afiliados de religiones de origen africana. Además, se verificó que las creencias y las prácticas protestantes predijeron el prejuicio hacia homosexuales. Las discusiones de los resultados colaboran para el panorama científico, pero, van más allá, y proponen un análisis multidimensional de la religiosidad, que incluye religiones poco contempladas en los estudios sobre el tema.

Palabras clave: religiosidad, homosexualidad, prejuicio, homofobia, religión

Em sua definição clássica, Allport (1954) compreende preconceito como uma atitude hostil em relação a uma pessoa pertencente a um grupo, simplesmente por ela pertencer a esse grupo. Novas pesquisas têm direcionado sua atenção para uma nova forma de expressão desse fenômeno. Diante das pressões normativas e das legislações antipreconceito, marcadas por valores igualitários típicos das sociedades democráticas, as pessoas passaram a adaptar suas atitudes de acordo com a desejabilidade social, isto é, conforme o que acreditam ser o esperado pela sociedade, culminando no preconceito sutil (Lima, 2013).

Os estudos desse fenômeno surgiram na Europa, mediante as pesquisas de Pettigrew e Meertens (1995), sobre o preconceito contra imigrantes, que identificaram dois tipos de preconceito: o flagrante, mais tradicional, direto e aberto; e o sutil, mais recente, fechado e discreto. Ao que diz respeito ao preconceito sutil, os autores explanam que esse se justifica a partir da defesa dos valores tradicionais, da exacerbação das diferenças intergrupais e da negação de emoções positivas, como simpatia e admiração, em relação aos membros-alvo do preconceito.

Posteriormente, Lacerda et al. (2002) adaptaram essa terminologia para o estudo do preconceito contra homossexuais e encontram que as duas formas de preconceito também aparecem em relação a esse grupo. Para mensurá-los, os autores realizaram um estudo com 220 universitários da Paraíba, classificando os estudantes em três grupos de indivíduos: preconceituosos flagrantes, preconceituosos sutis e não preconceituosos. Essa tipologia deu-se a partir dos escores obtidos em duas escalas para medir o precon-

ceito contra homossexuais: a Escala de Rejeição à Intimidade e a Escala de Expressão Emocional. Nessa perspectiva, o grupo de preconceituosos flagrantes expressavam muitas emoções negativas, poucas emoções positivas e alta rejeição à intimidade em relação aos homossexuais; os preconceituosos sutis, embora expressassem níveis menores de rejeição à intimidade e poucas emoções negativas, expressavam poucas emoções positivas. Os não preconceituosos, por sua vez, expressavam poucas emoções negativas, muitas emoções positivas e aderiam menos à escala de rejeição à intimidade.

Sabe-se que, historicamente, a homossexualidade assumiu diversas conotações negativas, seja como pecado, aberração, libertinagem ou psicopatologia. Nas duas primeiras edições do manual diagnóstico de doenças mentais, da American Psychiatric Association (APA), a homossexualidade encontrava-se respectivamente como um transtorno de personalidade e como um transtorno de identidade sexual. Somente em 1973, a APA retirou-a da sua lista de doenças, o que foi seguido posteriormente por outras entidades de saúde, como a Organização Mundial de Saúde (OMS), em 1990; o Conselho Federal de Medicina (CFM), em 1985; e o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em 1999 (Costa & Nardi, 2015; Mesquita & Perucchi, 2016). Apesar disso, o preconceito e a discriminação ainda se mantêm.

Ao se falar em preconceito contra homossexuais encontram-se uma diversidade de termos, como homofobia, heteronormatividade e heterossexismo. O termo homofobia foi cunhado pelo psicólogo George Weinberg, em 1972, para definir o conjunto de emoções negativas em relação a pessoas homossexuais. Embora seja o termo mais difundido, seu uso implica uma perspectiva individualista e medicalizante, o que culminou em algumas críticas. Heterossexismo é compreendido como o preconceito existente na estrutura da sociedade, nas instituições e nas relações de poder, que atribuem menos valor e legitimidade ao que for contrário à heterossexualidade. Heteronormatividade diz respeito ao sistema ideológico que determina a heterosse-

xualidade como norma e impõe a existência de uma congruência entre sexo, gênero e orientação sexual (Costa & Nardi, 2015).

Diante dos conflitos e semelhanças entre os termos, Costa e Nardi (2015) argumentam que a expressão preconceito contra diversidade sexual é a mais apropriada para se referir à problemática. Os autores explanam que os termos se relacionam, mas abrangem níveis diferentes, sendo a homofobia ou preconceito contra diversidade sexual envolvendo o nível que se encontram as atitudes e crenças individuais. Partindo dessas explicações, adota-se no presente trabalho a expressão preconceito contra homossexuais. Embora se reconheça a abrangência e a popularidade do termo homofobia, destaca-se o caráter social do preconceito, preferindo-se, dessa forma, um termo que enfatize essa perspectiva. Além disso, optou-se pela palavra homossexual ao invés de diversidade sexual, uma vez que os alvos de preconceito do estudo não englobarão todos os segmentos da população LGBT. Ressalta-se também que se adotou a concepção de preconceito flagrante e sutil com base na tipologia de Lacerda et al. (2002) mencionada anteriormente, o qual será medido pela rejeição à intimidade e a expressão de emoções positivas e negativas em relação aos homossexuais.

Relação entre preconceito contra homossexuais e religiosidade

Estudos têm indicado uma relação entre preconceito contra homossexuais e religião (Anderson & Koct, 2015; Doeblner, 2015; Droogenbroeck et al., 2016; Pereira et al., 2011). No que diz respeito à religião, essa se caracteriza como um fenômeno cultural, social, histórico e tipicamente humano, presente em todas as culturas e épocas. Suas crenças e hábitos afetam a maneira como as pessoas percebem e compreendem a si mesmas e ao mundo, funcionando como uma forte influenciadora na construção de valores morais, sociais, políticos e econômicos (Cerqueira-Santos et al., 2017). O Brasil, embora seja um Estado laico, é fortemente influenciado pelos preceitos religiosos, possuindo apenas 8% da população

sem religião, sendo as predominantes o catolicismo, o protestantismo e o espiritismo (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística [IBGE], 2010).

Ainda que seja difícil uma delimitação clara do conceito de religião, visto que não há uma definição unívoca entre os estudiosos, o presente trabalho adota a definição de Pinto (2009), que a compreende como um conjunto organizado de crenças, costumes, doutrinas e valores compartilhados por um determinado grupo social. Os membros do grupo possuem a crença comum em um ser superior, que se baseia em uma relação de dependência do homem com o além do mundano, com o que transcende e dá sentido à existência.

Muitas vezes utilizado como sinônimo de religião tem-se o termo religiosidade. Ainda na perspectiva de Pinto (2009), religiosidade pode ser compreendida como a relação do ser humano com um ser transcendente, mas que não está necessariamente associada a uma afiliação institucional específica, mas ao compromisso individual do homem com suas crenças e práticas. Ressalta-se que no contexto brasileiro é comum o fenômeno do sincretismo religioso, sendo, por isso, compreendido no presente estudo, mais apropriado abordar a religiosidade a partir de uma perspectiva individual, conforme explanado por Pinto (2009), e multidimensional, averiguando as crenças e outras dimensões religiosas, ao invés da mera pertença a uma religião.

Dessa forma, compreendendo a afiliação religiosa como uma das dimensões da religiosidade, destaca-se que cada religião possui crenças, costumes e dogmas específicos, conforme os valores da sua tradição, que influenciam as percepções e os comportamentos de seus seguidores, preservando modelos de certo e errado do ponto de vista moral. Um desses fatores, influenciado pelos preceitos religiosos, é a sexualidade, sobretudo no que diz respeito à homossexualidade (Cerqueira-Santos et al., 2017). Nesse sentido, as variadas religiões apresentam concepções e posicionamentos diferentes em relação aos homossexuais (Droogenbroeck et al., 2016).

As religiões de tradição cristã, como o catolicismo e o protestantismo, apresentam uma

perspectiva menos favorável em relação a esse grupo, havendo um forte julgamento moral sobre o estilo de vida e as práticas homossexuais (Cerqueira-Santos et al., 2017). Essa perspectiva leva a uma associação frequente entre religiões cristãs e um maior preconceito contra os homossexuais, o que pode ser evidenciado tanto em estudos nacionais e internacionais, como também no contexto político nacional (Machado, 2015; Moretti-Pires et al., 2016; Quintão, 2017). As concepções contrárias dessas religiões relacionam-se à crença de que somente os atos sexuais que objetivem a procriação são naturais e divinos e, uma vez que a relação homossexual não possibilita isso, seu único objetivo é o prazer carnal. Dessa forma, apenas a relação heterossexual seria a correta, enquanto a homossexualidade passa a ser vista como pecado e moralmente inferior (Duarte, 2017; Mesquita & Perucchi, 2016).

Um estudo feito por Ribeiro e Scorsolini-Comin (2017) com homossexuais pertencentes às igrejas católica e protestante verificou que, embora os participantes declarassem ter vínculos de amizade dentro da comunidade religiosa, a participação na instituição era restrita, sobretudo a partir do momento que assumiram sua homossexualidade. As restrições envolviam principalmente mudanças no papel que exerciam na igreja.

A partir dos anos 1990 e 2000 vêm aumentando no Brasil as denominadas igrejas cristãs inclusivas. Tais instituições surgiram como resposta dos próprios homossexuais às igrejas cristãs tradicionais, com o intuito de conciliar os preceitos cristãos com outras formas de exercício da sexualidade destoantes da norma heterossexual (Natividade, 2010). Apesar de isso conferir um caráter positivo, Natividade (2010) em seu estudo sobre igrejas pentecostais inclusivas brasileiras, verificou que essa aceitação apresenta determinadas limitações, como a rejeição de códigos e linguagens de subculturas gays; a recriminação de comportamentos considerados "afeminados" e demonstrações de afetos entre homens homossexuais; e o esforço pastoral em conquistar mais heterossexuais para os cultos. Resultados diferentes foram encontrados na pesquisa etnográfica

realizada por Jesus (2010) em uma igreja inclusiva de São Paulo, em que se observou a presença significativa de lésbicas, uma forte participação de *drag queens* e travestis, e a não rejeição de comportamentos considerados "afeminados".

Em relação ao espiritismo, a doutrina compreende que os espíritos não possuem sexo, sendo indiferente se uma relação é heterossexual ou homossexual. Ratificando o exposto, Cravo e Trindade (2016) entrevistaram pessoas de diferentes afiliações católicas, protestantes e espíritas e verificaram que a maioria dos entrevistados apresentou uma representação negativa acerca da homossexualidade, com exceção do grupo de espíritas, para os quais, 88% das respostas acerca do que pensavam sobre a homossexualidade foram consideradas positivas. Esses também apresentaram menor desconforto diante de situações-problemas sugeridas pelo estudo, que envolviam a possibilidade de amigos e filhos serem homossexuais.

Britto (2017) ao entrevistar líderes de variados centros espíritas da cidade de Sergipe, também identificou um discurso de aceitação e de respeito integral aos homossexuais. No entanto, alguns entrevistados relataram que o preconceito contra homossexuais existe no espiritismo de forma sutil ou camuflada, pois, apesar do acolhimento e da igualdade de tratamento, pode-se observar rejeições a palestras sobre a temática por parte de líderes e relatos de discriminação por membros dos centros.

Ao que diz respeito às religiões de matriz africana, especificamente Umbanda e Candomblé, Silva et al. (2008) ao entrevistarem jovens e líderes religiosos dessas religiões, identificaram nesses grupos uma maior disponibilidade para ouvir e respeitar postulados morais diferentes em comparação aos adeptos de religiões cristãs. Além disso, o ato sexual foi concebido por estes entrevistados como um canal de troca de energia, que poderia ocorrer com qualquer pessoa, independentemente de orientação sexual. Em conformidade com esse achado, Silva et al. (2013), ao entrevistarem jovens de religiões afro-brasileiras, perceberam indicações de aceitação e

compreensão da homossexualidade como uma possibilidade de experiência e escolha.

Em uma perspectiva contrária, Rios (2013) em sua pesquisa etnográfica nos terreiros *quetos*, uma vertente do candomblé no Rio de Janeiro, verificou que, embora a homossexualidade fosse vista como legítima e os homossexuais pudessem ocupar cargos hierárquicos superiores, aqueles que tinham comportamentos considerados femininos eram menos valorizados e recebiam instruções para melhor se apresentarem no terreiro. Isso também foi observado nos estudos de Pereira e Santos (2009) e Santos (2008).

Além da afiliação de pertença, outras variáveis religiosas também têm sido associadas a um maior preconceito. Um estudo com 2.834 alunos cristãos e muçulmanos, na Bélgica, verificou que os indivíduos que declararam mais nível de religiosidade, maior cumprimento dos preceitos religiosos, comportamento mais ativo dentro das igrejas e demonstraram maior grau de autoritarismo de direita, apresentaram maior preconceito flagrante e sutil em relação aos homossexuais (Droogenbroeck et al., 2016). Um estudo semelhante realizado no centro-sul dos Estados Unidos, com estudantes de graduação católicos e protestantes, identificou mais atitudes negativas flagrantes e sutis em relação aos homossexuais em comparação aos heterossexuais. As dimensões relacionadas foram o fundamentalismo religioso, cristianismo ortodoxo e autoritarismo de direita, sendo o fundamentalismo o mais forte fator (Rowatt et al., 2006).

O fundamentalismo religioso e o autoritarismo de direita também foram identificados se relacionando com maior preconceito explícito e implícito em relação aos homossexuais em um estudo realizado com muçulmanos. Em comparação com participantes ateus, foram identificadas mais atitudes preconceituosas no grupo religioso (Anderson & Koct, 2015). Demais estudos apontaram novamente o fundamentalismo religioso associado com esse tipo de preconceito (Cunningham & Melton, 2013; Hill et al., 2010).

Outra variável associada ao preconceito com homossexuais, sobretudo nos estudos empíricos

brasileiros, são as crenças acerca da natureza da homossexualidade. O estudo de Lacerda et al. (2002) identificou que os estudantes que aderiram mais fortemente às crenças explicativas de base ético-morais ou religiosas apresentaram maior nível de preconceito flagrante. Em um estudo similar feito com estudantes heterossexuais, Pereira et al. (2013) identificaram uma associação entre crenças religiosas e maior apoio às políticas discriminatórias contra os homossexuais, como oposição ao casamento e à adoção de crianças por casais do mesmo sexo.

Indo além das pesquisas anteriores feitas na população em geral, Pereira et al. (2011) buscam investigar esse fenômeno dentro de uma amostra de religiosos, mais especificamente em seminaristas católicos e protestantes. Os autores constataram a presença de preconceito generalizado em relação aos homossexuais, não sendo identificados grupos de não preconceituosos. Desses, os seminaristas protestantes concebiam a homossexualidade com base nas crenças religiosas, ético-morais e psicológicas; apresentando maior preconceito flagrante, caracterizado por maior rejeição à proximidade, mais emoções negativas e menos emoções positivas em relação aos homossexuais. Nos seminaristas católicos, por sua vez, predominaram as explicações psicológicas e o preconceito sutil, com grau moderado de rejeição à proximidade, mas poucas emoções negativas e ausência de emoções positivas.

Apesar da proposta inovadora de pesquisar essa relação dentro de grupos religiosos, o estudo de Pereira et al. (2011) apresenta a limitação de só investigar religiões cristãs. Nesse sentido, a presente pesquisa busca dar um passo adiante investigando essa relação em uma amostra de religiosos, mas dessa vez contemplando outras religiões comuns no Brasil. Ademais, embora já seja fortemente comprovada na literatura essa relação entre preconceito contra homossexuais e religião, uma análise mais aprofundada dessa relação tem sido negligenciada. Em outras palavras, nota-se uma carência de estudos nacionais que abordem esse fenômeno de uma perspectiva

que vá além da afiliação religiosa e é justamente com o intuito de suprir essa lacuna, que se insere o presente estudo, buscando avaliar essa relação a partir de outras dimensões da religiosidade.

Observa-se, ainda, a carência de estudos nacionais que investiguem formas modernas de preconceito contra homossexuais e que utilizem outras amostras além do contexto universitário, como mostrado na revisão feita por Costa et al. (2013). Com o intuito de suprir essas lacunas, o presente estudo buscou ir além dos estudos já realizados no Brasil, tendo como participantes grupos religiosos, não restritos ao contexto educacional, incluindo outras religiões além das cristãs, e a partir de uma perspectiva multidimensional da religiosidade. Além disso, buscou-se avaliar as diferentes formas de expressão de preconceito, incluindo formas modernas, como o preconceito sutil. Assim, o presente trabalho teve como objetivo analisar a influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais em pessoas de diferentes afiliações religiosas.

A partir da revisão de literatura apresentada, elencou-se as seguintes hipóteses: H1) O preconceito contra homossexuais será flagrante em católicos(as) e protestantes, de acordo com os achados de Droogenbroeck et al. (2016), Rowatt et al. (2006) e Pereira et al. (2011); H2) O preconceito será sutil nos(as) espíritas, conforme encontrado por Britto (2017); H3) O preconceito não será identificado nos(as) protestantes inclusivos(as), conforme a própria proposta inclusiva dessa afiliação e de acordo com os resultados de Jesus (2010); H4) O preconceito não será identificado nos umbandistas e candomblecistas, de acordo com Silva et al. (2008) e Silva et al. (2013); H5) O preconceito será maior em pessoas com maior fundamentalismo, em consonância com diversos estudos internacionais (Anderson & Koct, 2015; Cunningham & Melton, 2013; Hill et al., 2010; Rowatt et al., 2006); H6) O preconceito será maior em pessoas com maior adesão às crenças religiosas cristãs (católicas e protestantes), conforme evidenciado nos estudos brasileiros sobre crenças (Lacerda et al., 2002; Pereira et al., 2011;

Pereira et al., 2013) e nas concepções dessas religiões acerca da homossexualidade (Mesquita & Perucchi, 2016).

Método

Participantes

A pesquisa contou com 234 pessoas da cidade de Fortaleza, Ceará, com idade média de 34,3 anos ($DP = 11,86$), sendo a maioria do gênero feminino (58,1%) e de orientação heterossexual (64,9%), afiliados(as) à religião católica ($n = 58, 24,8\%$), protestante ($n = 53, 22,6\%$), protestante inclusiva ($n = 48, 20,5\%$), espírita ($n = 45, 19,2\%$), e de matriz africana ($n = 30, 12,8\%$). A escolha das afiliações a serem consideradas na pesquisa foi respaldada nas publicações dos últimos dados sobre a população religiosa brasileira, de acordo com as religiões mais predominantes no Brasil (IBGE, 2010). Ao que diz respeito à orientação sexual dos(as) participantes dentro de cada afiliação religiosa, 87,9% dos(as) católicos(as) eram heterossexuais, 94,2% dos(as) protestantes eram heterossexuais, 91,5% dos(as) protestantes inclusivos(as) eram homossexuais, 80% dos(as) espíritas eram heterossexuais e 62% dos(as) umbandistas e candomblecistas eram homossexuais ou bissexuais.

Percebeu-se que a maioria dos(as) participantes indicou fazer parte da sua religião há mais de 10 anos (50,6%), frequenta toda semana as reuniões da sua afiliação (81,6%), declarou forte identificação com sua religião (88,8%), considerava-se totalmente ou muito religioso (68,5%) e apresentou um valor médio ou alto de fundamentalismo (74,2%). Esses dados indicam que os/as participantes configuram uma amostra com alto nível de religiosidade.

Instrumentos

Além de perguntas de cunho sociodemográfico, os(as) participantes responderam a um questionário do tipo lápis e papel contendo os instrumentos descritos a seguir. Para medir a religiosidade, utilizou-se:

Escala de Crenças Religiosas (Andrade et al., 2001). É composta por 18 itens equitativamente

distribuídos em três crenças: católicas (e.g.: imagens de santos devem ser respeitadas), protestantes (e.g.: a vocação para o trabalho é um dom divino) e espíritas (e.g.: é possível a comunicação com pessoas que já faleceram). Além desses itens, foram acrescentados seis itens correspondentes às crenças das religiões de matriz africana (umbanda e candomblé), construídos a partir da leitura vasta de materiais e entrevistas com adeptos dessas religiões. Para respondê-los, os(as) participantes utilizaram uma escala de sete pontos, variando de 1 (Discordo totalmente) a 7 (Concordo totalmente). A análise de consistência interna na presente pesquisa identificou os seguintes Alfas de Cronbach: 0,87 (crenças católicas), 0,95 (crenças espíritas), 0,75 (crenças protestantes) e 0,90 (crenças de matriz africana). A adaptação da escala, com a descrição mais detalhada dos itens, encontra-se em Gomes (2019).

Escala de Práticas Religiosas (Meira et al., 2001). É composta por 16 itens e mensura as práticas de três grupos religiosos: católicos (e.g.: rezar o terço), espíritas (e.g.: ler livros psicografados) e protestantes (e.g.: pregar o evangelho para outras pessoas). Além desses itens, foram acrescentados seis itens correspondentes às práticas das religiões de matriz africana (umbanda e candomblé), construídos a partir da leitura vasta de materiais e entrevistas com adeptos dessas religiões. Estes foram respondidos em uma escala de cinco pontos, variando de 1 (Nunca) a 5 (Sempre). A análise de consistência interna na presente pesquisa identificou os seguintes Alfas de Cronbach: 0,90 (crenças católicas), 0,80 (crenças espíritas), 0,82 (crenças protestantes) e 0,94 (crenças de matriz africana). A adaptação da escala, com a descrição mais detalhada dos itens, encontra-se em Gomes (2019).

Escala de Fundamentalismo Religioso – versão curta. Desenvolvida por Altemeyer e Hunsberger (2009), trata-se da medida correspondente à revisão da Escala de Fundamentalismo Religioso (Altemeyer & Hunsberger, 1992), tendo sido adaptada para o contexto brasileiro por Gomes, Souza e Fontenele (2020). A tarefa dos participantes consistiu em indicar o quanto consideravam

determinadas afirmações verdadeiras (e.g., "Deus deu à humanidade um guia completo e infalível para a felicidade e salvação que deve ser seguido à risca"), sendo respondida em uma escala que varia de 1 (discordo totalmente) a 9 (concordo plenamente). As altas pontuações representam níveis mais altos de fundamentalismo religioso. Salienta-se que nessa escala não foi preciso adicionar itens porque os itens são gerais e não se referem a religiões em específico. A análise de consistência interna na presente pesquisa identificou Alfa de Cronbach 0,86.

Além das escalas supracitadas, foram utilizadas ainda medidas de religiosidade, como o tempo de afiliação à religião e a medida de identificação com essa. Além disso, incluíram-se duas perguntas específicas sobre religiosidade referentes à autopercepção do quanto o participante considerava-se religioso e à frequência de participação às reuniões da religião afiliada. A primeira sendo respondida em uma escala de cinco pontos, variando de 0 (Nada religioso) a 4 (Totalmente religioso), e a segunda por meio de uma escala de frequência, variando de 0 (Nunca vou) a 7 (Sempre vou).

Para mensurar o preconceito contra homossexuais foram utilizadas as mesmas medidas usadas por Lacerda et al. (2002), descritas a seguir.

Escala de Rejeição à Intimidade. Desenvolvida e validada por Lacerda et al. (2002) para medir o preconceito contra homossexuais. É uma adaptação da escala de rejeição à intimidade proposta por Pettigrew e Meertens (1995) para medir uma das principais dimensões do racismo flagrante. A tarefa dos(as) participantes consistiu em indicar em que medida se sentiriam constrangidos perante cinco situações específicas (e.g., "Ter amigos que sejam homossexuais assumidos"), sendo respondida em uma escala que varia de 1 (Nada incomodado) a 5 (Muito incomodado). Valores mais altos nesta medida indicam maior preconceito contra homossexuais. A escala utiliza o termo homossexualidade sem distinção de gênero. A análise de consistência interna identificou Alfa de Cronbach de 0,75.

Escala de Expressão Emocional. Desenvolvida por Dijker (1987) e validada por Lacerda et al. (2002),

ambas versões avaliam as dimensões emocionais envolvidas no preconceito contra homossexuais. Consiste em uma lista com seis emoções, sendo três positivas (admiração, respeito e amor) e três negativas (nojo, raiva e desprezo), onde os participantes indicam, em uma escala variando de 1 (Nunca) a 5 (Muitas vezes), o quanto já sentiram essas emoções com relação a homossexuais. A escala utiliza o termo homossexualidade sem distinção de gênero. A análise de consistência interna na presente pesquisa identificou os seguintes Alfas de Cronbach: 0,80 para emoções negativas e 0,68 para as emoções positivas.

Procedimentos

Os dados foram coletados por uma equipe de pesquisadores devidamente treinada para essa tarefa, por meio de aplicações individuais e coletivas. Para ter acesso aos(as) participantes, inicialmente entrou-se em contato com pessoas da população geral, previamente conhecidas, que se declaravam afiliadas às religiões selecionadas. A partir desses, por meio da técnica "bola de neve", foram recebidas indicações de outras pessoas também pertencentes às respectivas afiliações, bem como líderes de diferentes religiões, que possibilitaram a inserção das pesquisadoras nas igrejas, centros e terreiros.

Em seguida, os contatos individuais sugeridos foram contatados via *e-mail* ou telefone, explicando-lhes os objetivos da pesquisa e convidando-os a participar. Desse modo, marcou-se o dia, horário e local para aplicação dos questionários, conforme disponibilidade de cada participante. No caso das aplicações nos próprios locais de atuação das afiliações religiosas, realizou-se o agendamento prévio com o(a) líder, abordando os(as) afiliados(as) de forma individual.

Os procedimentos do estudo foram desenvolvidos de forma a proteger a privacidade, o anonimato e a autonomia dos(as) participantes, no qual eles(as) assinaram um Termo de

Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Esta pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética sob o CAE nº 84859318.4.0000.5052, parecer nº 2.606.383, e respeitou todos os princípios éticos em pesquisas com seres humanos, segundo recomenda as Resoluções 466/12 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde.

Análise dos dados

Utilizou-se o *software SPSS* versão 20 para análise dos dados. Além de estatísticas descritivas, foram realizadas análises de variância (ANOVAs), correlações e análise de regressão múltipla, adotando-se o critério de significância de $p < 0,05$.

Resultados

Com o intuito de investigar se o preconceito contra homossexuais variou em função das diferentes afiliações religiosas, foram realizadas três ANOVAs com as medidas de preconceito. O teste de Levene, que analisa a homogeneidade de variância entre os grupos, foi significativo nas três análises, indicando que os grupos não são homogêneos, então foi utilizada a correção *Welch* para a estatística *F*. Os resultados revelaram que houve diferença significativa entre os grupos em relação às variáveis de preconceito investigadas: nível de rejeição à intimidade com homossexuais, *Welch F* (4, 113,54) = 27,92, $p = 0,000$, $\eta^2 = 0,32$; expressão de emoções negativas, *Welch F* (4, 102,18) = 3,83, $p = 0,006$, $\eta^2 = 0,05$; e expressão de emoções positivas, *Welch F* (4, 102,59) = 24,15, $p = 0,000$, $\eta^2 = 0,28$. Os tamanhos dos efeitos apontados pela estatística ômega ao quadrado (η^2) indicam que 32% da variância da rejeição à intimidade e 28% da variância da expressão de emoções positivas são explicadas pelas diferenças entre as afiliações religiosas. Por outro lado, o tamanho do efeito para as emoções negativas é muito pequeno, apenas 5% de explicação da variância.

Tabela 1 – Médias e desvios padrão das ANOVAs em relação ao preconceito contra homossexuais nas diferentes afiliações religiosas

Afiliação religiosa	Rejeição à intimidade		Emoções negativas		Emoções positivas	
	M	DP	M	DP	M	DP
Católicos	1,67 _b	0,69	1,43 _c	0,79	3,55 _b	1,06
Protestantes	2,12 _a	0,83	1,54 _a	0,84	3,53 _b	1,00
Protestantes inclusivos	1,11 _d	0,42	1,12 _b	0,42	4,70 _a	0,48
Espiritas	1,31 _c	0,47	1,43 _c	0,80	4,02 _b	0,82
Umbandistas e Candomblecistas	1,06 _d	0,18	1,24 _c	0,62	4,47 _a	0,85

Nota: Grupos com valores significativamente diferentes estão indicados com distintos subscritos.

Como pode ser observado na Tabela 1, ao que concerne à primeira variável de preconceito, uma vez que o teste de Levene foi significativo ($W = 18,16$; $p = 0,000$) e os grupos tinham tamanhos amostrais diferentes, recorreu-se ao teste *post-hoc* de Games-Howell que indicou que os(as) protestantes apresentaram maior nível de rejeição à intimidade com homossexuais, diferenciando-se significativamente de todos os outros grupos. O segundo grupo com maior nível de rejeição foram os católicos, que também se diferenciou significativamente dos demais. O terceiro grupo com significativamente maior nível de rejeição foram os espiritas. Os protestantes inclusivos e os de matriz africana foram os de menor nível de rejeição, não havendo diferença significativa entre esses dois grupos.

Em relação à expressão de emoções negativas, como o teste de Levene foi significativo ($W = 5,42$; $p = 0,000$), recorreu-se ao teste *post-hoc* de Games-Howell que mostrou que a única diferença significativa intergrupar se deu entre os(as) protestantes e os(as) protestantes inclusivos, que correspondem respectivamente à maior e menor média de expressão de emoções negativas. Os(as) católicos(as), espiritas e os(as) de matriz africana não apresentaram diferenças significativas.

Ao que diz respeito à expressão de emoções positivas em relação aos homossexuais, novamente o

teste de Levene foi significativo ($W = 5,59$; $p = 0,000$), recorreu-se ao teste *post-hoc* de Games-Howell que revelou que os(as) protestantes inclusivos expressaram significativamente mais emoções positivas, assim como os(as) umbandistas/candomblecistas em comparação com os outros grupos, não havendo diferença significativa entre esses dois grupos. Já os(as) católicos(as), os(as) protestantes e os(as) espiritas expressaram menos emoções positivas, não havendo diferença significativa entre esses três grupos.

Apesar das diferenças entre as afiliações religiosas, entende-se que não se pode fazer uma relação direta entre preconceito e religião, uma vez que não é possível homogeneizar os afiliados de cada grupo religioso. Assim, supondo-se que pode haver diferenças na expressão de preconceito entre os adeptos de acordo com a religiosidade de cada um, buscou-se investigar a relação entre preconceito contra homossexuais e diferentes variáveis de religiosidade, a saber, tempo de afiliação, identificação religiosa, autopercepção de religiosidade, frequência de participação às reuniões da afiliação, fundamentalismo, crenças e práticas religiosas. A fim de não enviesar os dados, foram feitas correlações somente com a amostra de heterossexuais ($n = 150$), com o intuito de eliminar o efeito da orientação sexual dos(as) participantes nos resultados.

Tabela 2 – Correlações entre as variáveis de religiosidade e as variáveis de preconceito contra homossexuais para a amostra de heterossexuais

Variáveis da Religiosidade	Rejeição à intimidade	Emoções negativas	Emoções positivas
Tempo de afiliação	0,08	0,05	-0,05
Identificação com a afiliação	0,11	-0,03	0,10
Autopercepção de religiosidade	0,11	0,06	0,05
Frequência de participação	0,06	0,04	0,03
Fundamentalismo	0,47**	0,07	-0,24**
Crenças católicas	-0,13	-0,07	-0,01
Crenças protestantes	0,49**	0,16	-0,27**
Crenças espíritas	-0,47**	-0,11	0,22**
Crenças de matriz africana	-0,42**	-0,11	0,23**
Práticas católicas	-0,04	0,04	-0,07
Práticas protestantes	0,53**	0,16*	-0,23**
Práticas espíritas	-0,29**	0,02	0,16
Práticas de matriz africana	-0,30**	-0,14	0,27**

Nota: * $p < 0,05$; ** $p < 0,01$.

Como pode ser observado na Tabela 2, no que concerne à rejeição à intimidade, as variáveis que se correlacionaram positivamente foram o fundamentalismo ($r = 0,47$; $p = 0,000$), as crenças protestantes ($r = 0,49$; $p = 0,000$) e as práticas protestantes ($r = 0,53$; $p = 0,000$). Em contrapartida, as crenças espíritas ($r = 0,47$; $p = 0,000$), as crenças de matriz africana ($r = -0,42$; $p = 0,000$), as práticas espíritas ($r = 0,29$; $p = 0,000$) e as práticas de matriz africana ($r = -0,30$; $p = 0,000$) correlacionaram-se negativamente com essa variável.

Ao que diz respeito à expressão de emoções negativas, essa se correlacionou de forma significativa e positiva somente com as práticas protestantes ($r = 0,16$; $p = 0,047$). No que diz respeito à expressão de emoções positivas, essa se correlacionou significativamente de modo positivo

com as crenças espíritas ($r = 0,22$; $p = 0,006$), as crenças de matriz africana ($r = 0,23$; $p = 0,004$) e as práticas de matriz africana ($r = 0,27$; $p = 0,001$). No entanto, essa variável apresentou correlação significativa e negativa com o fundamentalismo ($r = 0,24$; $p = 0,003$), as crenças protestantes ($r = -0,27$; $p = 0,001$) e as práticas protestantes ($r = 0,23$; $p = 0,004$).

A partir das correlações significativas, realizaram-se análises de regressão linear múltipla com método *Enter* para examinar quais dessas variáveis predizem o preconceito contra homossexuais. Os resultados mostraram que as crenças protestantes ($\beta = 0,29$; $p = 0,005$; $\beta_p^2 = 0,24$) e as práticas protestantes ($\beta = 0,33$; $p = 0,002$; $\beta_p^2 = 0,26$) foram preditoras da rejeição à intimidade com homossexuais, $R^2 = 0,37$; $F(7, 140) = 11,87$,

$p = 0,000$; as práticas protestantes ($r = 0,16$; $p = 0,047$; $r^2 = 0,16$) foram preditoras da expressão de emoções negativas, $R^2 = 0,03$; $F(1,146) = 4,03$, $p = 0,047$; e as crenças protestantes ($r = -0,26$; $p = 0,022$; $r^2 = -0,19$) foram preditoras da expressão de emoções positivas, $R^2 = 0,13$; $F(6,141) = 3,63$, $p = 0,002$, tendo um efeito negativo.

Discussão

Este trabalho teve como objetivo analisar a influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais em pessoas de diferentes afiliações religiosas. Para discussão dos achados, reconhece-se que o preconceito religioso é muito complexo e, por isso, propor explicações exaustivas de suas causas é algo que necessitaria mais espaço. No entanto, buscou-se debater e levantar reflexões sobre o tema. A partir dos resultados, verificou-se que os(as) protestantes apresentaram o maior nível de rejeição à intimidade, atribuíram mais emoções negativas e menos emoções positivas em relação aos homossexuais. Os(as) católicos(as) apresentaram valores equivalentes aos protestantes em relação à maior rejeição e à menor atribuição de emoções positivas, mas não houve diferença significativa em relação às emoções negativas. Esses resultados vão ao encontro dos achados de Pereira et al. (2011), que identificaram altos índices de rejeição à intimidade e à baixa expressão de emoções positivas em seminaristas católicos e protestantes, sendo esses valores mais expressivos nos(as) protestantes.

De acordo com a tipificação de Lacerda et al. (2002), quando o grupo apresenta uma maior rejeição à intimidade, expressa mais emoções negativas e menos emoções positivas, pode-se considerar a expressão de um preconceito flagrante. Baseado nessa lógica, observa-se uma prevalência de atitudes preconceituosas flagrantes nos(as) participantes católicos(as) e protestantes, sobretudo nos últimos. Esses resultados ratificam a primeira hipótese do estudo e corroboram achados internacionais que identificaram maior preconceito em relação aos homossexuais em amostras exclusivas de cristãos (Moral & Valle, 2014; Rowatt et al., 2006) e em

amostras que compararam esses adeptos com budistas (Vilaythong et al., 2010) e muçulmanos (Droogenbroeck et al., 2016), tendo esses últimos valores equivalentes aos cristãos. A maior prevalência de atitudes preconceituosas nessas duas afiliações pode ser explicada pela percepção conservadora que possuem em relação à sexualidade, baseada em interpretações literais e descontextualizadas da Bíblia, que consideram a heterossexualidade a única relação natural e dada por Deus (Machado, 2018; Mesquita & Perucchi, 2016; Quintão, 2017; Saéz, 2017).

Apesar das diferenças entre as médias desses dois grupos serem pequenas, os protestantes apresentaram valores um pouco mais elevados de preconceito em comparação aos católicos. Infere-se que esse valor mais alto pode ser explicado pela maior flexibilidade do catolicismo nos últimos anos (Mesquita & Perucchi, 2016) e pelas perspectivas diferentes dessas afiliações quanto à homossexualidade. Devido às igrejas protestantes compreenderem a homossexualidade como um comportamento adquirido, enquanto os(as) católicos(as) percebem-na como algo inato, há uma concepção protestante de que esse comportamento pode ser modificado (Natividade, 2006). Dessa forma, a maior rejeição pode ser explicada pela compreensão de que é possível reverter esse comportamento, ao passo que, para os(as) católicos(as), por não permitir essa mudança, a aceitação é a opção mais cabível.

Em comparação aos dois grupos anteriores, os(as) espíritas mostraram uma menor rejeição à intimidade com homossexuais, mas apresentaram valores correspondentes na atribuição de menos emoções positivas, não havendo diferença significativa em relação às emoções negativas. A menor rejeição à intimidade com homossexuais identificada nos(as) espíritas alinha-se com outras pesquisas nacionais que identificaram uma maior aceitação da homossexualidade em grupos espíritas em comparação a católicos e protestantes (Cravo & Trindade, 2016; Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017).

Apesar do menor nível de rejeição, a equivalência dos(as) espíritas com os(as) cristãos(ãs) em relação aos menores índices de expressão

de emoções positivas parece indicar a existência de um preconceito sutil nos(as) adeptos(as) do espiritismo, como salientam Lacerda et al. (2002), ao afirmar que esse tipo de preconceito é manifestado por índices menores de rejeição à intimidade e uma menor expressão de emoções positivas. Esse achado confirma a segunda hipótese do presente estudo e vai ao encontro das proposições de Britto (2017), ao relatar a existência de uma forma camuflada de preconceito contra homossexuais nos(as) adeptos(as) do espiritismo, manifestado por meio de um discurso de inclusão, mas com relatos de práticas discriminatórias.

Os grupos dos(as) protestantes inclusivos apresentaram valores mais baixos quanto à rejeição à intimidade com homossexuais, além da maior expressão de emoções positivas em comparação aos grupos anteriores. Esses achados são esperados, visto que a maioria dos(as) participantes dessa afiliação autodeclarou-se homossexual. Sendo assim, como fazem parte do grupo-alvo de preconceito e de uma religião com uma proposta inclusiva da homossexualidade, o esperado condiz com o resultado obtido, ou seja, a menor prevalência de atitudes preconceituosas, o que reforça os achados de Jesus (2010).

Esse grupo apresentou ainda diferença significativa em relação aos(as) protestantes tradicionais ao que diz respeito à expressão de emoções negativas, atribuindo valores mais baixos em comparação ao segundo grupo. Mais uma vez esse resultado era esperado, já que as igrejas inclusivas surgiram como resposta dos próprios homossexuais às igrejas cristãs tradicionais, com o intuito de conciliar os preceitos cristãos com outras formas de exercício da sexualidade destoantes da norma heterossexual (Natividade, 2010). A menor rejeição à intimidade, associada à menor expressão de emoções negativas e à maior expressão de emoções positivas nesse grupo caracterizam-no, conforme os critérios de Lacerda et al. (2002), como um grupo de participantes não preconceituosos, o que confirma a terceira hipótese do estudo.

Em relação aos adeptos de matriz africana, esses apresentaram valores equivalentes aos(as)

protestantes inclusivos(as) quanto à menor rejeição à intimidade com homossexuais e à maior atribuição de emoções positivas, caracterizando os(as) participantes desse grupo também como não preconceituosos/as, ratificando a quarta hipótese do presente trabalho. Esse resultado é condizente com o apontado por outras pesquisas nacionais que compararam a aceitação da homossexualidade entre cristãos e adeptos de matriz africana (Silva et al., 2008; Silva et al., 2013). Além disso, ressalta-se que a maioria dos(as) participantes dessa afiliação não possuía orientação heterossexual.

No entanto, Silva et al. (2013) destacam que não se pode afirmar que tais afiliações possuem uma doutrina que preconiza abertamente a aceitação da homossexualidade, já que há uma espécie de fragmentação dogmática, que varia de acordo com a interpretação da autoridade de cada terreiro, justamente pelo caráter oral e ausência de um "livro sagrado" nessa religião. Porém, apesar disso, essa postura menos preconceituosa e de maior aceitação da homossexualidade foi identificada na presente pesquisa e pode ser observada nos discursos de adeptos e líderes de outras investigações, que mostraram uma maior abertura às diferenças de modo geral (Silva et al., 2008; Silva et al., 2013).

Destaca-se que, embora tenha havido diferença entre os grupos quanto à expressão de preconceito, todos os grupos apresentaram médias baixas nas escalas que avaliaram esse fenômeno. Isso pode ser explicado a partir da desejabilidade social, em que, devido às normas sociais e às legislações antipreconceito, as pessoas buscam adaptar suas atitudes de acordo com o que acreditam ser o esperado pela sociedade (Jann et al., 2019).

Em relação às correlações entre as variáveis de religiosidade e o preconceito contra homossexuais, verificou-se que atitudes mais preconceituosas estiveram relacionadas ao fundamentalismo e às crenças e práticas protestantes, enquanto atitudes menos preconceituosas relacionaram-se às crenças e práticas espíritas e de matriz africana. As demais variáveis de religiosidade analisadas não tiveram

correlação com nenhuma variável de preconceito, diferente de outros estudos que identificaram correlação entre preconceito com autopercepção de religiosidade e frequência às reuniões da igreja (Droogenbroeck et al., 2016; Doebler, 2015).

Ao que diz respeito ao fundamentalismo, essa variável esteve relacionada à rejeição à intimidade com homossexuais e à menor expressão de emoções positivas, o que vai ao encontro dos achados de Anderson e Koct (2015), Cunningham e Melton (2013), Doebler (2015), Johnson et al. (2011) e Rowatt et al. (2006). Pessoas fundamentalistas tendem a ver a sua religião como única e perfeita, acreditando que quaisquer mudanças em seus dogmas estariam erradas. Baseado nessa lógica, se tais pessoas não estão abertas para outras possibilidades de crenças, o mais provável é que também sejam mais intolerantes para estilos de vida diferentes dos seus, como o caso dos homossexuais (Doebler, 2015).

As outras variáveis religiosas que também se correlacionaram com mais atitudes negativas em relação aos homossexuais foram as crenças e as práticas protestantes. Esse resultado condiz com os achados já discutidos anteriormente, tanto pela doutrina protestante manifestar-se abertamente contrária à homossexualidade, uma vez que concebe a heterossexualidade como a única orientação que é natural e dada por Deus (Natividade, 2006), como também pelos maiores índices negativos em relação aos homossexuais encontrados na presente pesquisa serem dos(as) participantes protestantes. Além disso, ressalta-se que o grupo dos protestantes também obteve o maior nível de fundamentalismo, o que demonstra uma congruência entre tais resultados. Ao que concerne à relação entre crenças e práticas espíritas e de matriz africana com menos atitudes preconceituosas, esse resultado é ratificado pela literatura, que indica uma maior aceitação e abertura dessas religiões para a homossexualidade (Britto, 2017; Cravo & Trindade, 2016; Ribeiro & Scorsolini-Comin, 2017; Silva et al., 2013).

A partir das correlações feitas, percebeu-se que a quinta e sexta hipótese do presente estudo foram confirmadas, sendo o maior preconceito

encontrado nos(as) participantes com maior nível de fundamentalismo e com maior adesão às crenças e às práticas católicas e protestantes.

Após as correlações, realizaram-se regressões. A partir de tais análises, o que se observa é que crenças e práticas protestantes foram preditoras do preconceito contra homossexuais. Salienta-se que o fundamentalismo apresentou forte correlação com o preconceito, porém, pela regressão observou-se que essa variável não foi preditora do preconceito. Esse resultado pode ter ocorrido devido à forte correlação entre o fundamentalismo com as crenças protestantes ($r = 0,67; p < 0,01$) e práticas protestantes ($r = 0,69; p < 0,01$), o que indica quase uma multicolinearidade entre essas variáveis. Essa forte correlação entre tais variáveis religiosas pode justificar o não surgimento do fundamentalismo, uma vez que essa variável provavelmente está incutida nas crenças e práticas protestantes.

Considerações finais

A partir dos resultados do presente estudo, percebeu-se diferença na expressão do preconceito contra homossexuais em função da afiliação religiosa, com os(as) católicos(as) e protestantes apresentando valores mais flagrantes. Além disso, a maior adesão às crenças e às práticas protestantes foram preditoras desse preconceito. Em contrapartida, os resultados também indicam uma perspectiva positiva e promissora quanto à temática. Verificou-se que existem religiões ascendentes no Brasil cujas crenças e práticas são mais inclusivas, como as cristãs inclusivas e as de matriz africana, que apontam uma perspectiva contrária, de maior aceitação e menor expressão de atitudes negativas em relação aos homossexuais. Dessa forma, percebe-se que, a associação entre preconceito e religião, mostrada na literatura e enfatizada na mídia, baseia-se nos dogmas cristãos mais fundamentalistas, porém, religião não se restringe ao cristianismo.

Ressalta-se que os resultados encontrados condizem com aspectos observados durante a coleta dos dados, registrados em um diário de campo, onde foram anotadas as principais impressões

e dificuldades encontradas. Em síntese, durante a coleta, observou-se que os(as) católicos(as) e protestantes apresentaram maior resistência ao tema, com tentativas de explicar as respostas desfavoráveis dadas. Nos(as) participantes espíritas, observou-se maior abertura para responder os questionários, com exceção de alguns(as) poucos(as) participantes e a líder de um centro que relatou não se sentir confortável quando soube da temática. Em relação aos(as) protestantes inclusivos(as) e de matriz africana, observou-se grande receptividade, com *feedbacks* positivos dos respondentes, que agradeciam a proposta e destacavam a relevância da pesquisa. Ressalta-se que nesses dois últimos grupos, percebeu-se a forte presença de homossexuais ocupando cargos importantes nas igrejas/terreiros.

Com base no que foi discutido, volta-se ao questionamento proposto no título desse trabalho: todo religioso é preconceituoso? Os resultados indicam que não. Não é possível fazer uma associação entre religiosidade e preconceito contra homossexuais, entretanto, os achados sinalizam que essa afirmação não se dá para todas as afiliações. No caso dos(as) católicos(as) e, sobretudo, dos(as) protestantes, pode-se sim fazer uma associação mais direta entre religiosidade e preconceito, uma vez que essas afiliações apresentam um discurso preconceituoso legitimado pelas próprias concepções cristãs acerca da homossexualidade, sendo essa compreendida como algo pecaminoso ou contrário a Deus.

Como principais contribuições desse estudo, ressalta-se a proposta original diante da ausência de pesquisas nacionais que abordem essas cinco afiliações conjuntamente, sobretudo a partir de um viés quantitativo. Além disso, destaca-se a inclusão de religiões ainda pouco contempladas e que têm ganhado força no Brasil, como as de matriz africana e as cristãs inclusivas. Destaca-se ainda a contribuição para o panorama científico que já indicava um maior preconceito em determinadas religiões, mas, vai além, propondo uma análise multidimensional da religiosidade.

Embora se reconheçam os méritos deste trabalho, há de se mencionar também as limitações

dele. Quanto à amostragem, destaca-se o número relativamente baixo de participantes, bem como a restrição aos homossexuais de modo geral, não fazendo uma análise separada por segmentos do público LGBT, como para as lésbicas e gays, além de não incluir a população transexual. Ressalta-se ainda que não foram avaliados medidores socio-demográficos que poderiam trazer resultados diferentes, como o componente racial e a classe socioeconômica. Tais aspectos podem ser explorados em estudos futuros na área. Além disso, fazem-se necessárias pesquisas com o próprio público-alvo desse preconceito afiliados a essas instituições religiosas.

Ademais, sublinha-se o contexto em que a pesquisa foi realizada. A coleta de dados ocorreu nos primeiros meses de 2019, logo após as eleições presidenciais de 2018, que foi marcada por uma forte polarização da população brasileira, inclusive em relação ao posicionamento acerca da homossexualidade. Nesse sentido, sugerem-se novos estudos que avaliem as dimensões aqui analisadas em outro momento histórico menos polêmico e polarizado.

Apesar dessas limitações, considera-se que o presente estudo traz uma relevante contribuição social, ainda mais quando se pensa na realidade brasileira. O Brasil apresenta índices alarmantes de violência contra homossexuais, muitas vezes, apoiada em um discurso religioso conservador e fundamentalista, que legitima atitudes preconceituosas e discriminatórias. Essa realidade torna-se ainda mais preocupante quando se reconhece o grau de influência dos valores religiosos no país, sobretudo no atual panorama político nacional. Dessa forma, debater sobre novas formas de se pensar religião, a partir de uma perspectiva menos dogmática e mais inclusiva, abre possibilidades de transformação social e consiste em um relevante passo para avanços e conquistas em prol desse público.

Referências

Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Addison-Wesley.

Altemeyer, B., & Hunsberger, B. (1992). Authoritarianism, religious fundamentalism, quest and prejudice. *International Journal for the Psychology of Religion*, 2, 113-133. https://doi.org/10.1207/s15327582ijpr0202_5

- Altemeyer, B., & Hunsberger, B. (2009). A Revised Religious Fundamentalism Scale: The Short and Sweet of It. *International Journal for the Psychology of Religion*, 14(1), 47-54. https://doi.org/10.1207/s15327582ijpr1401_4
- Anderson, J., & Koct, Y. (2015). Exploring patterns of explicit and implicit antigay attitudes in Muslims and Atheists. *European Journal of Social Psychology*, 45(6), 687-701. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2126>
- Andrade, J. M., Gouveia, V. V., Jesus, G. R., Santos, W. S., & Lopes de Andrade, W. C. (2001). Escala de crenças religiosas: elaboração e validação de construto. Em Conselho Regional de Psicologia – 13a Região PB/N (Ed.), *1º Encontro Paraibano de Avaliação e Medida em Psicologia* (p. 14). Conselho Regional de Psicologia.
- Britto, B. M. (2017). *As representações sociais da homossexualidade no espiritismo: um estudo de caso em Aracaju* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Sergipe]. Repositório Institucional da Universidade Federal de Sergipe. <https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/7147>
- Carqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S. G., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Homofobia Internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas em Psicologia*, 25(2), 691-702. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-15>
- Costa, A. B., & Nardi, H. C. (2015). Homofobia e preconceito contra diversidade sexual: debate conceitual. *Temas em psicologia*, 23(3), 715-726. <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-15>
- Costa, A. B., Peroni, R. O., Bandeira, D. R., & Nardi, H. C. (2013). Homophobia or sexism? A systematic review of prejudice against nonheterosexual orientation in Brazil. *International Journal of Psychology*, 48(5), 900-909. <https://doi.org/10.1080/00207594.2012.729839>
- Cravo, F. A. M., & Trindade, E. (2016). "Amarás o teu próximo como a ti mesmo": as representações sociais da homossexualidade masculina por religiosos. *Pretextos*, 1(1), 20-33. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/13583>
- Cunningham, G. B., & Melton, E. N. (2013). The moderating effects of contact with lesbian and gay friends on the relationships among religious fundamentalism, sexism, and sexual prejudice. *Journal of Sex Research*, 50(3-4), 401-408. <https://doi.org/10.1080/00224499.2011.648029>
- Dijker, A. J. M. (1987). Emotional reactions to ethnic minorities. *European Journal of Social Psychology*, 17, 305-325. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420170306>
- Doebler, S. (2015). Relationships between religion and two forms of homonegativity in europe—a multilevel analysis of effects of believing, belonging and religious practice. *PloS one*, 10(8), 1-27. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0133538>
- Droogenbroeck, F., Spruyt, B., Siongers, J., & Keppens, G. (2016). Religious quest orientation and antigay sentiment: nuancing the relationship between religiosity and negative attitudes toward homosexuality among young muslims and christians in flanders. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 55(4), 787-799. <https://doi.org/10.1111/jssr.12303>
- Duarte, A. J. O. (2017). Religião e comportamento sexual: concepções cristãs sobre sexualidade. *Relegens Thréskeia*, 6(1), 74-98. <https://doi.org/10.5380/rt.v6i2.54134>
- Gomes, A. A. A. M. (2019). *A influência da religiosidade no preconceito contra homossexuais* [Dissertação de Mestrado, Universidade de Fortaleza]. http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFOR_399e7c8fe-948891328778025f20f6498
- Gomes, A. A. A. M., Souza, L. E. C., & Fontenele, A. B. G. (2020). Adaptação para o contexto brasileiro da escala de fundamentalismo religioso. (Manuscrito em preparação).
- Hill, E. D., Cohen, A. B., Terrell, H. K., & Nagoshi, C. T. (2010). The role of social cognition in the religious fundamentalism-prejudice relationship. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 49(4), 724-739. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5906.2010.01542.x>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico - 2010*. IBGE.
- Jann, B., Krumpal, I., Wolter, F. (2019). Social desirability bias in surveys – collecting and analyzing sensitive data. *Methods, data, analyses*, 13(1), 3-6. <https://mda.gesis.org/index.php/mda/article/view/247/248>
- Jesus, F. W. (2010). A cruz e o arco-íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma "igreja inclusiva" no Brasil. *Ciencias Sociales y Religión*, 12, 131-146. <https://doi.org/10.22456/1982-2650.12731>
- Johnson, M. K., Rowatt, W. C., Barnard-Brak, L. M., Patock-Peckham, J. A., LaBouff, J. P. & Carlisle, R. D. (2011). A mediational analysis of the role of right-wing authoritarianism and religious fundamentalism in the religiosity-prejudice link. *Personality and Individual Differences*, 50(2011), 851-856. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.01.010>
- Lacerda, M., Pereira, C., & Camino, L. (2002). Um estudo sobre as formas de preconceito contra homossexuais na perspectiva das representações sociais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 165-178. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722002000100018>
- Lima, M. E. O. (2013). Preconceito. In Camino, L., Torres, A. R. R., Lima, M. E. O., & Pereira, M. E. (Orgs.), *Psicologia Social: temas e teorias* (pp. 589-640). Technopolitik.
- Machado, M. D. C. (2015). Religião e política no Brasil contemporâneo: uma análise dos pentecostais e carismáticos católicos. *Religião e Sociedade*, 35(2), 45-72. <https://doi.org/10.1590/0100-85872015v35n2cap02>
- Machado, M. D. C. (2018). Religion and moral conservatism in brazilian politics. *Politics and religion journal*, 12(1), 55-74. <https://doi.org/10.54561/prj1201055m>
- Meira, M., Gouveia, V. V., Socorro, T. C., Oliveira, S. F., & Silva Filho, S. B. (2001). *Escala de práticas religiosas: Construção e validação de construto*. Em Conselho Regional de Psicologia – 13a Região PB/N (Ed.), *1º Encontro Paraibano de Avaliação e Medida em Psicologia* (p. 14). Conselho Regional de Psicologia.

- Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de Deus: discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>
- Moral, R. J., & Valle, O. A. (2014). Predictive Models of Attitude toward Homosexuality in Heterosexual Men. *Universitas Psychologica*, 13(4), 1395-1407.
- Moretti-Pires, R. O., Tesser Júnior, Z. C., Vieira, M. & Moscheta, M. S. (2016). Pastores, ovelhas desgarradas e as disputas pelo rebanho: sobre a transcrificação na Parada do orgulho LGBT de São Paulo em 2015. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, 110, 99-116. <https://doi.org/10.4000/rccs.6392>
- Natividade, M. T. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(61), 115-132. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000200006>
- Natividade, M. T. (2010). Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal. *Religião & Sociedade*, 30, 90-120. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872010000200006>
- Pereira, C., Torres, A. R.R., Falcão, L., & Pereira, A. (2013). O papel de representações sociais sobre a natureza da homossexualidade na oposição ao casamento civil e à adoção por famílias homoafetivas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29, 79-89. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722013000100010>.
- Pereira, C. R., Torres, A. R. R., Pereira, A., & Falcão, L. C. (2011). Preconceito contra homossexuais e representações sociais da homossexualidade em seminaristas católicos e evangélicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 27(1), 73-82. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000100010>
- Pereira, D. R. S., & Santos, J. B. (2009). O papel das religiões enquanto instâncias reguladoras das sexualidades alternativas: caso da homofobia e violência. *Scientia Plena*, 5(11), 1-8.
- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in western europe. *European Journal of Social Psychology*, 25(1), 57-75. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>
- Pinto, E. B. (2009). Espiritualidade e religiosidade: articulações. *Revista de Estudos da Religião*, 9(4), 68-83. https://www.pucsp.br/rever/rv4_2009/t_brito.pdf
- Quintão, G. F. (2017). A nova direita cristã: alianças, estratégias e transfiguração do discurso religioso em torno do projeto de cura gay. *Estudos de Sociologia*, 22(42), 53-71. <https://doi.org/10.52780/res.9431>
- Ribeiro, L. M. & Scorsolini-Comin, F. (2017). Relações entre religiosidade e homossexualidade em jovens adultos religiosos. *Psicologia & sociedade*, 29. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29i162267>
- Rios, L. F. (2013). Homossexualidade, juventude e vulnerabilidade ao HIV/Aids no candomblé fluminense. *Temas em Psicologia*, 21(3), 1051-1066. <https://doi.org/10.9788/TP2013.3-EE14PT>
- Rowatt, W. C., Tsang, J. A., Kelly, J., LaMartina, B., McCullers, M., & McKinley, A. (2006). Associations between religious personality dimensions and implicit homosexual prejudice. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 45(3), 397-406. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5906.2006.00314.x>
- Saez, O. C. (2017). Contra naturam, contra connubium: a sexualidade no cristianismo. *Religião e Sociedade*, 37(1), 122-143. <https://doi.org/https://doi.org/10.1590/0100-85872017v37n1cap07>
- Santos, M. S. (2008). Sexo, gênero e homossexualidade: o que diz o povo-de-santo paulista? *Horizonte*, 6(12), 145-156. <http://periodicos.pucminas.br/index.php/-horizonte/article/view/444/441>
- Silva, C. G., Paiva, V., & Parker, R. (2013). Juventude religiosa e homossexualidade: desafios para a promoção da saúde e de direitos sexuais. *Interface - Comunicação, Saúde*, 17(44), 103-117. <https://doi.org/10.1590/S1414-32832013000100009>
- Silva, C. G., Santos, A. O., Licciardi, D. C., & Paiva, V. (2008). Religiosidade, juventude e sexualidade: entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 683-692. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722008000400006>
- Vilaythong, T., Lindner, N. M., & Nosek, B. A. (2010). "Do unto others": Effects of priming the Golden Rule on Buddhists' and Christians' attitudes toward gay people. *Journal for the Scientific Study of Religion*, 49(3), 494-506. <https://doi.org/10.1111/j.1468-5906.2010.01524.x>

Ágatha Aila Amábili de Meneses Gomes

Doutoranda em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em Fortaleza, CE, Brasil; mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em Fortaleza, CE, Brasil.

Luana Elayne Cunha de Souza

Doutora em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil; mestre em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em João Pessoa, PB, Brasil. Professora da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em Fortaleza, CE, Brasil.

Endereço para correspondência

Ágatha Aila Amábili de Meneses Gomes

Universidade de Fortaleza
Av. Washington Soares, 1321, Bloco E, Sala 101
Edson Queiroz, 60811-905
Fortaleza, CE, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Poá Comunicação e submetidos para validação das autoras antes da publicação.